

Psicosfera e técnica digital

DOI: 10.54446/bcg.v13i2.3241

Igor Venceslau¹

Resumo

A difusão da técnica digital tem impulsionado a disseminação de imaginários, discursos e consensos. Esses são elementos da psicosfera que constitui, ao lado da tecnosfera, o meio geográfico atual, conceituado por Milton Santos como técnico-científico-informacional. Este artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre a psicosfera atual a partir da emergência e difusão da técnica digital. A psicosfera justifica e autoriza a implementação, nos lugares, de um conjunto de inovações, antecipando-se à sua chegada. Por sua vez, a própria implementação da técnica digital amplifica e potencializa a psicosfera, possibilitando a expansão de um novo modo de consumo. Por fim, propõe-se disputar outros sentidos possíveis para a técnica contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: meio técnico-científico-informacional, psicosfera, tecnosfera, digital, consumo.

1 Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: igorvenceslau@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6321-3319>.

Introdução

Com a emergência e difusão das técnicas conhecidas sob a alcunha de “digital”, bem como das atividades econômicas correlatas, a disseminação de imaginários, discursos e valores vem adquirindo notável ímpeto. Hoje, a produção de novos consensos alcança velocidade e escala inédita na história da humanidade.

A profusão do debate recente em torno do “digital” é notória. Vindas das mais variadas áreas do conhecimento, as contribuições presentes nos diversos e controversos trabalhos deste início de século certamente ajudam a enfrentar e popularizar um tema árduo, por décadas deixado aos próprios engenheiros da computação e ao universo cultural dos *hackers*. Apesar de sermos todos devedores de seus aportes, é evidente a ausência do espaço nas abordagens do “capitalismo de plataforma” (SRNICEK, 2017), “capitalismo de multidão” (SUNDARARAJAN, 2018) “capitalismo de dados” (WEST, 2019) ou “capitalismo de vigilância” (ZUBOFF, 2020). A mesma constatação é válida para as atuais versões de sociedade, como “sociedade do hiperconsumo” (LIPOVETSKY, 2017) e “sociedade vigiada” (DOWBOR, 2020), ou ainda das postulações em torno das novas formas do *sapiens*, metáforas que tentam captar o fenômeno técnico contemporâneo, a exemplo de *homo consumericus*, *homo consumans*, *homo communicans* (LIPOVETSKY, 2017) e *homo deus* (HARARI, 2016).

Certamente a tarefa do espaço cabe à Geografia, que não pode se esquivar desse debate. Algoritmo, inteligência artificial, *big data*, computação em nuvem, mineração de dados, aprendizagem de máquina e *blockchain* são termos, para ficar em apenas alguns, que passaram a fazer parte do vocabulário corrente das ciências humanas, apesar de em princípio aparentarem não ter absolutamente nada que ver com Geografia. Alguns geógrafos têm tentado se aproximar desses temas, com trabalhos interessantes, mas a preocupação com uma teoria do espaço que permita a leitura desse fenômeno segue constante, em todas as latitudes.

É possível encontrar os elementos teóricos para o enfrentamento dessa questão na própria epistemologia da Geografia. Ainda que reconhecendo várias abordagens possíveis, nosso partido de método é aquele que, a partir da proposta de Milton Santos, compreende espaço geográfico e fenômeno técnico conjuntamente. Assim entendido como “conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 2012[1996], p. 63), o espaço geográfico permite analisar a técnica em sua manifestação complexa, isto é, a materialidade e suas intencionalidades, normas e discursos constitutivos.

A manifestação espacialmente desigual da técnica, com diferentes densidades e oriundas de períodos históricos diferentes, vai dotando, por seu turno, o próprio meio geográfico de qualidades distintas, ainda que coexistentes. Dessa maneira, constituiu-se um meio natural, marcado por técnicas locais, verdadeiras próteses do corpo humano, mais ou menos regidas por tempos e ritmos da primeira natureza. Com a revolução industrial e a mecânica, a própria mecanização do espaço produziu

um meio técnico, isto é, aquele cujos ritmos são ditados pelo artefato e as técnicas existem como próteses do território (SANTOS, 2012[1996]).

A partir da segunda metade do século XX, com relativa defasagem nos países periféricos a partir das décadas de 1970/1980, a difusão da eletrônica digital e da cibernética como técnicas informacionais possibilitou a emergência de um novo meio geográfico, conceituado por Santos (2012[1996]) de técnico-científico-informacional, aquele cujo nexos é a informação, constitutiva dos objetos e regedora das ações. Podemos hoje considerar que no meio técnico-científico-informacional as técnicas são, ademais de extensões do corpo e do território, próteses cognitivas, isto é, extensões da mente humana.

O meio técnico-científico-informacional é constituído por uma tecnosfera e uma psicofera. Esfera dos objetos em funcionamento sistêmico, a tecnosfera é "o resultado da crescente artificialização do meio ambiente" (SANTOS, 2008[1994], p. 30), difundindo-se no território de maneira seletiva e pontual. Ela é, inclusive, expressão da globalização e da leva contemporânea de modernizações sucessivas.

Por sua vez, a psicofera é a esfera da ação, que pode ser melhor traduzida como conjunto de "ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido" que, também constituindo esse meio, vai "fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário" (SANTOS, 2012[1996], p. 256). É por meio da psicofera que o meio técnico-científico-informacional está mais presente, uma vez que, ao contrário da tecnosfera, ela é "o domínio do país inteiro" (SANTOS, 2008[1994], p. 30). Isso porque mesmo antes da instalação, nos lugares, de uma nova base técnica, as respectivas crenças, discursos e consensos já se estabelecem. A psicofera "apoiar, acompanhar e, por vezes, anteceder a expansão do meio técnico-científico", como elucidou Ana Clara Torres Ribeiro (2013, p. 268).

Este artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre a psicofera a partir da emergência e difusão da técnica digital. Para isso, discutiremos inicialmente elementos da técnica digital para em seguida apontar alguns conteúdos da psicofera atual, como os consensos e os discursos em circulação. Por fim, a partir do exemplo do comércio eletrônico, analisaremos como o novo modo de consumo está amparado numa psicofera e tecnosfera imprescindíveis.

Nesta proposta, o espaço geográfico, como conceituado, é categoria suficiente para enfrentar o problema aqui apresentado. Ainda que não caiba neste texto uma discussão mais ampla, compreendemos que a noção de ciberespaço, que orientou muitos trabalhos dentro e fora da ciência geográfica, não pode explicar a manifestação espacial do fenômeno digital porque, ao assumir o advento de um espaço digital como um *corpus separatum* do espaço geográfico, instaura uma realidade virtual paralela, distanciando-a daquela anterior. Sua utilização nas ciências humanas conheceu um ímpeto após os trabalhos de Pierre Lévy, para quem o ciberespaço é um "grande meio heterogêneo e transfronteiriço" (LÉVY, 1999, p. 12) e "cujo centro está em toda parte e a circunferência em nenhuma" (LÉVY, 2011, p. 47). Na abordagem do ciberespaço está implícita uma tese anterior, aquela de que o

espaço geográfico perde relevância com o advento das técnicas digitais, sendo que uma versão mais radical chega a apregoar sua desaparecimento².

Da técnica digital

Em *A questão da técnica*, Heidegger já nos havia ensinado que a técnica não é somente um instrumento, nem um mero meio para atingir determinados fins. É talvez “porque a essência da técnica não é nada de técnico” (HEIDEGGER, 2007[1954], p. 396) que devemos fugir dos tecnologismos e da explicação da técnica pela técnica, se se quer alcançar algum grau de compreensão que ultrapasse a descrição.

Postulando sobre o objeto técnico, Simondon elucidava como possui uma evolução no tempo, da qual também participa ativamente. Nesse sentido, “o objeto técnico é o que não é anterior ao seu devir, mas presente em cada etapa desse devir”³ (SIMONDON, 1989[1958], p. 20, tradução nossa). Assim pensado, o objeto técnico é tanto irreversível quanto incontornável, num tipo de causalidade circular, um condicionamento do presente pelo futuro – o que ainda não é. Trata-se de uma concepção de técnica compartilhada por Bernard Stiegler, como “horizonte de todas as possibilidades por vir e de todas as possibilidades do porvir”⁴ (STIEGLER, 2018, p. 17, tradução nossa).

Não entendido como coisas separadas, mas como um “sistema de objetos” (BAUDRILLARD, 1968), esses objetos técnicos possuem funcionamento articulado uns com os outros e dependem crescentemente de fontes externas de energia, que também são sistemas criados para esse fim. Esse sistema também inclui sua dimensão simbólica (sociológica, psicológica), no qual os objetos se tornam signos e objetos de consumo.

Esse sistema de objetos é sobretudo um sistema técnico (*systeme technicien*) (ELLUL, 1977), aberto, evolutivo e não repetitivo. O sistema técnico se tornou uma estrutura da sociedade, marcado por características como a sua autonomia, unidade, universalidade e totalização. Ele institui a si mesmo como um sistema global constituído por sub-sistemas técnicos interconectados. E como ele “não opera num vácuo, mas numa sociedade e num meio humano e ‘natural’”⁵ (ELLUL, 1977, p. 131,

2 Trabalhos como os de Paul Virilio (2014), que teve sua primeira edição francesa em 1984, estão orientados pelas ideias do fim do espaço como conhecido até então. Desde a ideia do “ser digital” de Negroponte (1995) até a “quarta revolução industrial” de Klaus Schwab (2016), ecos de um espaço tornado irrelevante seguem acompanhando o *mainstream* do pensamento social e econômico. Essa ideia alcançou seu ápice na virada do século XX para o XXI, com versões como as do “fim das fronteiras” (OHMAE, 1999) e do “fim das distâncias” (CAIRNCROSS, 2001).

3 No original, em francês: “L’objet technique est ce qui n’est pas antérieur à son devenir, mais présent à chaque étape de ce devenir”.

4 No original, em francês: “La technique appréhendée comme horizon de toute possibilité à venir et de toute possibilité d’avenir”.

5 No original, em francês: “Le système technicien ne fonctionne pas dans le vide mais dans une société et dans un milieu humain et ‘naturel’”.

tradução nossa), sua compreensão passa necessariamente por estruturas mais abrangentes que a própria tecnologia.

Voltando a Heidegger, tem-se que a técnica moderna “não é um mero fazer humano” (2007[1954], p. 384). Por isso mesmo Ellul (1990) bem a precisou de “fenômeno técnico”, para denominar essa determinação geral da sociedade moderna, marcada pela busca incessante dos meios mais eficazes em todos os domínios.

Essa é uma discussão de interesse primordial para a Geografia porque, conforme Santos (2012[1996], p. 37), “só o fenômeno técnico na sua total abrangência permite alcançar a noção de espaço geográfico”. Isso se deve ao fato de que, antes de mais nada, “entre fenômeno técnico e espaço geográfico existiria uma relação biunívoca porque ambos se correspondem diretamente”⁶ (SILVEIRA, M., 2019, p. 12, tradução nossa), um não se explica sem o outro, pois resultantes da acumulação desigual ou empiricização do tempo.

Se as técnicas não são iguais, a análise de suas particularidades permite encontrar os conteúdos do meio geográfico e do período histórico atual. Sob a nomenclatura de “digital”, um conjunto de técnicas avançadas tem se desenvolvido de maneira a hegemonizar as demais, isto é, hierarquizando o funcionamento do sistema técnico como um todo e do próprio espaço. Para nós, o relevante não é a análise parcial da técnica digital, já que ela só poderia explicar aqueles lugares cujas ações são por ela regidas, mas o exame de seus elementos como constituintes do meio técnico-científico-informacional.

Ao menos desde Leibniz (1646-1716), a noção de “digital” não é estranha da literatura científica, em referência ao sistema binário para operações de divisão e multiplicação. O desenvolvimento da eletrônica durante o século XIX, num contexto de invenção do telégrafo, da célula fotovoltaica e do semicondutor, deu origem a uma família de técnicas articuladas umas às outras. A eletrônica é a base da tecnologia moderna, tendo depois se fundindo com a mecânica para dar origem à automação. Já no início século XX, a eletrônica digital passou a utilizar sinais elétricos em dois níveis apenas, emulando a lógica binária e permitindo, com essa simplificação, processar e armazenar quantidades enormes de informação. Essa lógica se baseia em oposições como presença/ausência, verdadeiro/falso, ligado/desligado, que se expressam matematicamente pelos dígitos 0 e 1. A aplicação de circuitos digitais acelerou não somente o processamento e o armazenamento, como também a transmissão de pacotes de informação (LÉVY, 1996).

Ao longo do século XX, o aperfeiçoamento e a sucessiva miniaturização dos componentes dos circuitos deram origem à microeletrônica, dedicada à fabricação do circuito integrado – também conhecido como *chip* – em tamanho progressivamente menor e capacidade maior, levando em poucas décadas ao desenvolvimento de processadores e memórias artificiais, originando o computador.

6 No original, em espanhol: “Entre fenómeno técnico y espacio geográfico existiría una relación biunívoca porque ambos se corresponden directamente”.

Hoje, a fabricação desses componentes na escala de microns fez emergir a nanotecnologia, com aplicações as mais diversas (DREXLER, 1992).

O advento do computador é paradigmático porque permitiu, não sem espanto geral, que a máquina pudesse realizar tarefas até então restritas aos humanos. A mecânica já tinha oferecido um conjunto de invenções que dispensava o uso da força do corpo humano para o trabalho industrial, mas agora a máquina foi dotada de propriedades da mente, isto é, memorizar, calcular, decodificar informações por meio da linguagem e executar comandos pré-determinados (LÉVY, 1996).

Refutando objeções aos motivos pelos quais uma máquina não poderia pensar, Turing (1950) apresenta o computador digital como uma máquina de aprendizagem (*learning machine*) que, em havendo tempo e recursos (memória) disponíveis para o seu desenvolvimento, poderia imitar outra máquina ou um humano. Para ele, não haveria motivos para desacreditar no desenvolvimento dos computadores, considerando os exemplares já existentes em meados do século XX.

Já em 1948, Norbert Wiener havia cunhado o termo “cibernética” ao referir-se a mecanismos autorregulados. Ao realizar um estudo do controle e da comunicação nos animais, humanos e máquinas, propõe uma relação causal circular, incluindo um *feedback*, e como qualquer ser – biológico, mecânico ou digital – processa e reage à informação, podendo alterá-la (WIENER, 1985[1948]). A cibernética nasce, assim, como uma ciência do controle e do governo de pessoas e máquinas por meio dos fluxos de informação.

Nestas primeiras décadas do século XXI, a partir do avanço extraordinário da própria técnica e suas implicações, novos trabalhos têm buscado resgatar o legado da filosofia da técnica e problematizá-lo à luz das questões atuais. Ao menos três jovens filósofos vêm se destacando por suas contribuições recentes. O francês Éric Sadin, seguindo uma tradição de Marx, Marcuse e Ellul, centrado no problema econômico, propõe conceitos como administração digital, liberalismo digital e vida algorítmica. Enfocando a técnica digital como problema fundamentalmente político, o coreano Byung-Chul Han, com influências de Nietzsche, Foucault e Deleuze, entre outros pensadores, vem propondo os conceitos de dataísmo, infocracia e psicopolítica. Já o chinês Yuk Hui, discípulo direto de Bernard Stiegler e herdeiro da tradição filosófica de Hegel, Heidegger e Simondon, a partir do problema da existência, tem aportado a respeito do que ele denomina de tecnodiversidade, cosmotécnicas e antropotecnológico.

Parafraseando a obra de Simondon (1989[1958]), o trabalho de Hui (2016) é uma contribuição recente fundamental sobre “a existência dos objetos digitais”. Objetos digitais podem ser inicialmente concebidos como aqueles que “tomam forma em uma tela ou se escondem no *back-end* de um programa de computador, compostos de dados e metadados regulados por estruturas ou esquemas”⁷ (HUI,

7 No original, em inglês: “By digital objects, I mean objects that take shape on a screen or hide in the back end of a computer program, composed of data and metadata regulated by structures or schemas”.

2016, p. 1, tradução nossa). Elas são uma nova forma de objetos industriais. No entanto, o que mais distingue o objeto digital, para o autor, é sua condição híbrida entre o orgânico (natural) e o mecânico (técnico). Se a tradição do pensamento ocidental esteve fundada – de Kant a Hegel e Husserl – numa oposição entre o objeto orgânico, dotado de atributos como comunicação e autorreprodução, e o objeto mecânico, desprovido dessas características, a cibernética veio postular um novo objeto que se comunica, auto-regula e reproduz, a despeito de sua condição não natural.

A técnica digital está marcada por características que vão implicar decisivamente as condições de seu uso e a profusão de valores e discursos correspondentes. O digital surge como uma nova materialidade, que tanto adere aos objetos preexistentes por meio de interfaces (códigos de barra e QR, telas, etc.) (DI FELICE, 2022) quanto cria objetos inteiramente novos, que são acessados por dispositivos (HUI, 2016). A miniaturização caracteriza o processo contemporâneo de produção de objetos cada vez menores, aí incluídos os *microchips*, *nanochips*, além dos microrrobôs que podem navegar o corpo humano (SADIN, 2018). Também a portabilidade é intrínseca aos objetos que podem ser transportados para todos os lados, utilizando para isso baterias de energia com carregamento rápido e conexões móvel (principalmente Internet móvel) e as redes sem fio (*wi-fi*). Desse modo, funcionam perfeitamente como próteses da mente humana que, acopladas sempre ao corpo, realizam crescentemente a mediação das ações cotidianas, o que está expresso em sentido amplo naquilo que Santaella (2022) chamou de “simbioses do humano e tecnologias”. Para Kaufman (2019, p. 16), “o conceito tradicional de ‘ser humano’ encontra-se alargado pelo acoplamento de tecnologias, impossibilitando identificar os limites do que seja humano e não humano; os limites do próprio corpo e da cognição estão expandidos”.

Em primeiro lugar, o próprio espaço geográfico está alargado, por meio de uma integração eletrônica que não inclui somente os cabos que conectam as massas continentais pelo fundo dos oceanos, mas também o espaço extra-atmosférico por meio de sistemas orbitais de satélites artificiais que asseguram o funcionamento ininterrupto do sistema de posicionamento global (GPS), entre outras tecnologias, levando a um conhecimento digital do território (CASTILLO, 1999), esse uma novidade do período.

Num outro plano, isso também é possível por conta da individualização que garante a cada pessoa o seu próprio portal de interação (computador, telefone) não compartilhado. Daí ser o *smartphone*, como estudado por Bertollo (2019), o objeto que garante hoje o condicionamento do cotidiano nas esferas de produção e consumo. Ele se torna, assim, o objeto digital de devoção, ou mais ainda, “o objeto de devoção do digital por excelência” (HAN, 2020, p. 24, grifo do autor).

A personalização é uma condição constante da técnica digital. Por meio da produção crescente de aplicativos (*softwares* como serviço) que se moldam a cada usuário, a experiência de uso das técnicas digitais torna-se mais personalizada, de tal maneira que hoje a informação nos chega a cada um de maneira diferenciada. As

plataformas vieram maximizar essa condição, capturando massivamente dados individuais para orientar cada micro ação performada – um clique, um *like*, o tempo *online* e até mesmo a direção do olhar (SILVEIRA, S., 2019).

O algoritmo, essa sequência finita de instruções ou comandos executados por computador para uma função, é fundamental para o funcionamento da técnica digital (CHABERT, 1999). Por um lado, podemos entender o algoritmo como norma *lato sensu*, pois ele estabelece padrões e regula a ação. Por outro lado, também como instrumento que dota os agentes de uma capacidade inédita de ação remota, pois desde alguns pontos-chave do território podem incidir sobre a ação dispersa de um conjunto enorme de usuários de seus sistemas. O algoritmo também é, em certa medida, e sobretudo para os agentes hegemônicos do período, uma tentativa de moldar o futuro a partir do presente, ou seja, influenciar a ação futura dos diferentes agentes por meio do estabelecimento de regras escritas no presente, gerando previsibilidade e controle de suas consequências.

É assim que, concordando com Malecki e Moriset (2008), podemos assumir o paradigma digital como aquele que contempla aspectos tecnológicos, econômicos, sociais e políticos, sabendo que todas essas dimensões são comportadas pelo fenômeno técnico. A tecnosfera, como uma dimensão do meio técnico-científico-informacional, incorpora o conteúdo da técnica digital, dotando-a de uma manifestação geográfica. A outra dimensão constituinte desse processo é a psicosfera, capaz de atribuir à técnica contemporânea um sentido.

Da psicosfera atual

Há uma relação intrínseca entre a psicosfera atual e a técnica digital. Por um lado, a psicosfera justifica e autoriza a implementação, nos lugares, da técnica digital, antecipando-se à sua chegada. São imaginários, discursos e mensagens que produzem o desejo, e logo em seguida moldam os comportamentos. Todos queremos – e devemos! – nos conectar, o tempo inteiro. A conexão e a produção e consumo de objetos digitais torna-se um imperativo.

Por outro lado, a própria implementação da técnica digital nos lugares amplifica e potencializa a psicosfera. Os novos valores e consensos circulam mais rapidamente, ou melhor, instantaneamente, levando hábitos e padrões que se antecipam à chegada das próprias marcas e empresas externas. Destarte, a própria técnica digital, ela mesma, já chega por meio de empresas cuja ação remota a apresenta nas telas, que passou a ser também um componente do território. Quais são alguns dos conteúdos da psicosfera neste primeiro quarto do século XXI?

Psicosfera e comunicação têm uma relação intrínseca. Vivemos atualmente num contexto marcado por um “consenso alcançado em torno do difuso, e ainda pouco esclarecido, poder exercido pelos processos modernos de comunicação” (RIBEIRO, 2013, p. 266). Esse processo não se inicia com a chegada da Internet, pois já vinha ocorrendo com outros meios como a televisão, mas a técnica digital se instala num território já desigual. Para Ribeiro (2013, p. 267), “os processos atuais de

comunicação inscrevem-se na constituição de novas desigualdades sociais e territoriais vinculadas à instalação (...) do meio técnico-científico-informacional". Essas desigualdades são ainda mais agravadas, no caso brasileiro, pelo que Pasti (2018) identificou como "agendamento das pautas nacionais pelas agências [transnacionais]" (p. 105), carregado de significados alheios aos lugares e, assim, produtores de uma alienação do território.

De acordo com a economia política da comunicação proposta por McChesney (2013), foram quatro as grandes transformações históricas das comunicações: a emergência da linguagem; o advento da escrita; a invenção da imprensa; e, atualmente, o surgimento da Internet. Sobre este último e atual período, sua assimilação está fundamentalmente orientada por um discurso de liberdade em várias dimensões – do Estado, das distâncias, do tempo, do desconhecimento. Foi assim que "o período das décadas de 1960 e 1970 assistiu à implantação de uma 'forma canônica' da rede, enquanto sistema sociotécnico que, ainda hoje, continua alimentando um ideal de liberdade, simultaneamente tecnológico e político" (LOVELUCK, 2018, p. 41). E como esse foi processo foi rapidamente capitaneado pelo papel desempenhado pelos Estados Unidos num tipo de regulação frouxa da rede de comunicação principal, a Internet, e pela consequente hegemonia das empresas estadunidenses de tecnologia da informação nesse mercado, "o Vale do Silício acabou dominando completamente nossa maneira de pensar sobre a tecnologia e a subversão" (MOROZOV, 2018, p. 16).

As técnicas digitais ampliam a produção de imaginários, um dos componentes da psicosfera. Como lembrou Nora (1995, p. 184), "a realidade propõe, o imaginário dispõe". Quanto mais complexa se torna a nossa realidade, imersa na comunicação digital que nos traz instantaneamente o mundo, maior se torna a produção de imaginários de toda sorte.

Em trabalho recente, Bucci (2021, p. 24) propõe o termo "superindústria do imaginário" para se referir a um processo no qual

todas as imagens acessíveis em todas as telas e as linguagens que trafegam pelos meios de comunicação se tornaram mercadorias e são fabricadas industrialmente, ou, melhor, *superindustrialmente*. Impregnados de valor de troca, esses produtos atravessam a imaginação das pessoas. Por meio disso, o capital avança sobre as subjetividades e sobre as subjetivações.

Nesse período de "imaginário industrializado", o autor advoga que o olhar trabalha para o capital, que daí consegue, de maneira sofisticada, extrair uma mais-valia, sendo que esse valor produzido mora na ordem do imaginário. Uma das consequências é aquilo que foi denominado por ele como "o lugar que não para no lugar", tamanha a velocidade das transformações impostas pela psicosfera.

Se para Bucci (2021) a palavra impressa não tinha meios de ultrapassar as fronteiras geográficas e linguísticas da sociedade, são as imagens que adquirem, atualmente, a primazia na produção de imaginários. É um período em que "a

fotografia na sua modalidade digital se afirma como o reino das possibilidades”⁸ (HOLLMAN, 2020, p. 49, tradução nossa). Ocorre que a imagem digital, diferentemente da analógica, se “move” na tela, está dotada de uma efemeridade e, talvez o mais importante, produz metadados sobre seu uso (quanto tempo observamos, se compartilhamos ou descartamos, etc.), de tal modo que esses metadados são matéria-prima para a produção de novas imagens e imaginários. É quando “o que vemos nos olha”, como bem traduziu Beiguelman (2021, p. 51) recentemente. E como já nos havia alertado Raffestin (1993, p. 201-202) de que “o ideal do poder é ver sem ser visto” e ainda “o ideal do poder é agir em tempo real”, a técnica digital congrega essas duas possibilidades simultaneamente, para aqueles agentes que logram impor o uso praticamente monopolista de suas plataformas digitais.

Esse vínculo entre psicofera e linguagem necessita atenção. Há uma profusão recente da linguagem não-verbal, como no caso das imagens, mas também da linguagem verbal, seja a escrita, seja a falada, sendo que em muitos casos elas se superpõem. Para Virno (2003, p. 38, tradução nossa), “a principal novidade do pós-fordismo consiste em ter posto a linguagem para trabalhar”, já que o processo produtivo havia sido silencioso até então. “A comunicação social tornou-se a matéria prima, o instrumento e, muitas vezes, o resultado final da produção contemporânea”⁹, assegura o linguista, de modo que o puro e simples “poder dizer” conta muito mais que o conteúdo do que se diz. Hoje a bajulação tomou conta da comunicação no ambiente digital e seu enorme poder de convencimento pode ser verificado na proliferação de vídeos, *podcasts* e influenciadores.

O texto escrito continua possuindo relevância, mas está associado à própria imagem e outras linguagens por meio da hipermídia. Sua circulação está diretamente associada ao conjunto de técnicas digitais, de tal modo que os “fluxos textuais” podem ser “vistos como percursos de produção de sentidos” (SALGADO; ANTAS JR., 2011, p. 261). Também a ideia de texto está alargada, pois envolve tanto a escrita dos códigos computacionais como a decifração de conteúdos. Como os termos passaram a circular isoladamente do contexto, como signos, a exemplo das *hashtags*, cada palavra individualmente é portadora de sentido. A vinculação direta entre imagem, palavra e sentido ocorre ainda na máquina, como Beiguelman (2021, p. 119) nos explica: “como se sabe, os computadores não enxergam. Os conteúdos visuais são mapeados pelas palavras que os descrevem e pelo reconhecimento de alguns padrões, como linhas, densidades e formas”.

A problemática se complica ainda mais quando as emoções são diretamente mobilizadas. Em comunicação digital, a adoção dos *emoticons*, ícones utilizados para expressar estados emocionais do orador, mescla imagem, palavra e sentimentos,

8 No original, em espanhol: “*En un período en el cual la fotografía en su modalidad digital se afirma como el reino de las posibilidades (...)*”.

9 Na tradução em espanhol: “*La principal novedad del postfordismo consiste en haber puesto el lenguaje a trabajar. La comunicación social se ha convertido en la materia prima, el instrumento y, a menudo, el resultado final de la producción contemporánea*”.

muitas vezes substituindo frases inteiras. Hoje os sentimentos estão postos a trabalhar (VIRNO, 2003), e os estímulos emocionais em circulação também são capturados, armazenados, analisados e processados, retornando na forma de imagens, publicidade e recomendação.

A utilização da técnica digital altera nossa percepção do tempo, o que nos parece fundamental na produção de consensos na psicosfera. Tempo aqui se refere antes ao seu caráter simbólico como meio de orientação social do que um universal absoluto (ELIAS, 1998). A tese de Hartmut Rosa (2019) sobre a aceleração do ritmo médio da vida desde o início da Modernidade é válida para os dias atuais, quando “os anos das revoluções digital e política em e após 1989 sejam marcados por um evidente impulso aceleratório” (ROSA, 2019, p. 256), o que gera um aumento do ritmo de vida e conseqüente escasseamento de recursos temporais. Para o autor, subjetivamente essa escassez reflete-se através de “um sentimento de passagem mais veloz do tempo, mas sobretudo na experiência da carência temporal e do estresse, bem como na sensação de não ‘ter’ tempo” (ROSA, 2019, p. 262). Nessa compulsão aceleratória na qual os sujeitos têm de viver mais rápido, a pressão temporal produz dois elementos fundamentais, que podem ser identificados nos imperativos presentes na psicosfera: o medo de perder oportunidades e a compulsão à adaptação. Num contexto retórico da promessa da aceleração, a adaptação ao digital aparece como uma panaceia para os problemas da escassez de tempo. E ainda que os agentes disponham de recursos temporais livres, “seu meio continua a se modificar em alta velocidade” (ROSA, 2019, p. 269). No atual capitalismo tardio, “o não tempo 24/7 se insinua incessantemente em todos os aspectos da vida social e pessoal” (CRARY, 2016, p. 40).

São valores veiculados pela psicosfera atual a instantaneidade, a conectividade e a auto-exposição. O primeiro corresponde à necessidade criada de comunicação em “tempo real”, que impõe adaptações a todos os agentes, mesmo àqueles do circuito inferior da economia urbana. O segundo diz respeito à nova condição de existência de todos os seres – aí incluídos o conjunto de objetos – de estarem em conexão permanente com os demais, isto é, *online*, acarretando um consumo exaustivo de energia e de dados móveis de Internet, como requisito para o trabalho, o consumo, o lazer e as demais atividades cotidianas. O terceiro responde ao imperativo de compartilhamento de informações pessoais de toda ordem, na forma privilegiada de imagens, oferecendo às plataformas e aos demais usuários a sua própria intimidade em troca de atenção (visualizações, curtidas). Este último atinge tanto os indivíduos quanto as empresas.

Dentre os discursos em circulação na psicosfera, assinalamos: o digital como redentor das desigualdades pretéritas e dimensão de oportunidade idêntica para todos; o fim das “barreiras” de distância e das fronteiras para as operações realizadas pela Internet; o digital como única maneira de alcançar a liberdade; e a maximização de vantagens e otimização das ações como função inexorável da técnica digital. “Adapte-se!” é um dos imperativos atuais, que diuturnamente é repetido para todos. “Conecte-se!” é outros desse imperativos, equivalente de existir no mercado e em

segmentos hegemônicos da sociedade. Outros como “veja!”, “clique!” e “compartilhe!” compõe hoje o repertório comum.

Está pactuado na psicosfera o consenso sobre o “*online* é melhor”, que prepara as mentes para aceitar passivamente as atividades efetuadas nas plataformas como mais modernas e, logo, melhores que as tradicionais. Nesse conjunto estão incluídas atividades diversas como transporte, educação alimentação e até saúde. Discursivamente, duas vantagens estariam sempre presentes, que são o tempo e o custo, levando o usuário a “ganhar” tempo, o que ele realmente sente sua escassez, e economizar dinheiro. *Online* seria sinônimo de mais barato e mais rápido. Esse consenso está relacionado com outro, do paradigma *smart*, que dos aparelhos (*smartphone*, *smart TV*) alcança as cidades (*smart city*) (MOROZOV; BRIA, 2019; PASTI; CRACCO, 2022) e hoje produz, por meio da psicosfera, o indivíduo *smart*, aquele que está sempre conectado e pode monitorar a si mesmo, o seu próprio desempenho (HAN, 2020; MOROZOV; BRIA, 2019). O consumidor *smart* talvez seja sua maior expressão, pois está sempre atento e susceptível às vantagens, descontos e tendências.

Do novo consumo

Erigido sobre uma base técnica digital, um novo modo de consumo tem se desenvolvido rapidamente e, para tanto, tem sido fundamental a ancoragem numa psicosfera favorável à sua difusão. Ele pertence ao contexto daquilo que Ribeiro (2013, p. 20) chamou, certa vez, de “nova ordem tecnicocultural”, que pode chegar a gerar “formas mais sutis de desapropriação cultural e de alienação consumista”. Podemos pensar, então, na produção de uma psicosfera do consumo e suas características.

O comércio eletrônico ou *e-commerce* oferece um bom exemplo do novo consumo. Trata-se da versão atualizada do comércio no meio técnico-científico-informacional, hoje uma maneira de comercializar a distância. Sobre a introdução de novos hábitos de consumo, Ortigoza e Ramos (2003, p. 68) argumentam que “há que se alterar modos de pensar, de agir, de viver e é pela introdução dessas alterações no cotidiano que as novas formas de comércio conseguem se desenvolver: é isto que ocorre com o *e-commerce*”.

Na chamada “quarta revolução industrial” ou “indústria 4.0” (SCHWAB, 2016), as tecnologias fundem dimensões físicas, biológicas e mentais, de tal maneira que a captura de nossos sentidos e impulsos tornar-se matéria-prima para a produção de mercadorias. Isso se dá com a produção sempre mais sofisticada de *softwares* como serviço, os aplicativos, que hoje nos rodeiam em diversas atividades e realizam também a mediação do consumo (STEDA, 2021). Aliado a isso, nossos rastros geodigitais no uso desses sistemas permitem um conhecimento acurado do nosso comportamento e localização (ISRAEL, 2020).

A plataforma permite também dar forma aos comportamentos. Para Muniz Sodré (2021, p. 126), a plataforma é “uma *exnominação* da real atividade publicitária

que, apoiada na tecnologia digital, eleva o alcance do anúncio comercial a uma escala inédita na história das técnicas de propaganda, sejam políticas ou comerciais". A constante sedução dos consumidores para realizar avaliações e reputação de produtos, vendedores e desempenho dos trabalhadores gera um ambiente que inclui também a chantagem e a punição, com suposto empoderamento dos consumidores em troca de *vouchers* de desconto e outras pequenas vantagens que produzem ainda mais engajamento.

Constitui-se uma "economia da atenção" (DAVENPORT; BECK, 2001), centrada em garantir o maior tempo possível dos usuários conectados, produzindo e consumindo dados. Realizando de maneira mais sofisticada aquilo que Lipovestky (2017) chamou de "consumo emocional", temos hoje um verdadeiro comércio e consumo de dados emocionais como estratégia de negócio. Mais ainda, produz-se aquilo que Bruno, Bentes e Faltay (2019) denominam de "economia psíquica dos algoritmos", ao se referirem ao "investimento contemporâneo – tecnocientífico, econômico e social – em processos algorítmicos de captura, análise e utilização de informações psíquicas e emocionais extraídas de nossos dados e ações em plataformas digitais" (p. 5). Essa economia psíquica possibilita aos agentes hegemônicos estratégias para prever e modificar o comportamento humano em tempo real, isto é, enquanto ele acontece.

O êxito que vem alcançando o comércio eletrônico, e em especial o seu rápido crescimento na pandemia de Covid-19 em países até então com baixa digitalização da economia, como o Brasil, deve-se à produção de uma tecnosfera e psicofera para o consumo, alicerçada nas técnicas digitais (VENCESLAU, 2020). Nesse sentido, o sucesso de campanhas como a *Black Friday* ampara-se, por um lado, na realidade objetiva da pobreza de parte da população brasileira, que tem na oferta de crédito e na busca por descontos a sua única possibilidade de consumir; e, por outro lado, na pactuação de um consenso geral de que é preciso buscar exaustivamente pelas vantagens oferecidas por empresas varejistas, e que os preços dos produtos nessa campanha são realmente menores, ainda que isso se verifique para a minoria dos casos. O resultado é um *frenesi* generalizado do consumo.

O novo consumo possui uma estética própria, condizente com os valores vigentes na psicofera. Ser visto é condição primordial para fazer negócios, e o convencimento joga aí um papel central. Para as pequenas empresas, que não possuem as condições técnicas e o capital necessário para utilizar estratégias de marketing digital e o emprego de sistemas algorítmicos próprios, sua subordinação às grandes empresas se atualiza por meio dos *marketplaces*. Renovam-se os nexos entre os circuitos da economia urbana, sob mediação das plataformas (MONTENEGRO, 2020). No Brasil, as empresas do circuito inferior adaptam as condições oferecidas pelas grandes plataformas, para serem vistas de alguma maneira, como a utilização de *feeds* como vitrines para seus produtos em aplicativos de mídia social (FOSSALUZA, 2022).

Assim, diante de um processo de transformações aceleradas e difusas, Tozi (2022) tem utilizado a expressão "uso algorítmico do território" para qualificar o uso

corporativo do território na atualidade, marcado pela mediação dos algoritmos na ação centralizada das grandes empresas globais e em cada ação individualizada dos trabalhadores e consumidores em suas plataformas territoriais.

Para Éric Sadin, o advento de uma forma de superioridade cognitiva da técnica por meio do acoplamento humano-maquínico, ao que ele denominou “humanidade aumentada”, cria o indivíduo algorítmicamente assistido e instala uma “consciência de silício”. Essa é a condição para uma “administração digital do mundo” (SADIN, 2018), que assinala o período atual.

Na mesma direção, Byung-Chul Han adverte que estaríamos vivendo numa era de “psicopolítica digital”, que transforma a negatividade das ameaças numa positividade dos estímulos, buscando agradar em vez de oprimir. Capaz de intervir de maneira prospectiva nos processos psíquicos, essa forma atual de poder “se ocupa da emoção para influenciar ações sobre esse nível pré-reflexivo” (HAN, 2020, p. 68), já que através da emoção as pessoas são profundamente atingidas. Podemos então pensar no telecomando e na teleação que alcança de maneira eficaz cada um dos sujeitos.

Considerações finais

O exame dos valores, discursos, imaginários e consensos da psicosfera atual reclama o conhecimento do *modus operandi* da técnica digital. Sua relação é biunívoca, sendo que tanto a psicosfera justifica a adoção da técnica digital quanto esta contribui para a proliferação e amplificação dos conteúdos circulantes naquela. O consumo é talvez o nível onde a manifestação da psicosfera tenha sido mais emblemática.

Com urgência, há que disputar os sentidos da técnica digital, para além da difusão do novo modo de consumo e do controle mais eficaz das pessoas e das coisas. A esquecida discussão da soberania pode ser reavivada a partir dessa problemática, bem como a expansão das capacidades cognitivas, a liberação da criatividade e o combate às desigualdades, temas que sempre perseguiram, ao logo do desenvolvimento tecnológico, as análises sociais no último século.

Superar a ideia ocidental de técnica como progresso linear, relativo à competição e ao avanço, é o convite de Hui (2016) em sua “cosmotécnica”. Encontrar a “tecnodiversidade” (HUI, 2020) como um caminho para as bifurcações do futuro pode ser uma alternativa de inserção ativa e consciente da América Latina e, em particular, do Brasil, no novíssimo mapa do mundo. Definitivamente, “*reinventar las conexiones*” (GARCÍA CANCLINI, 2019). No horizonte, novas problemáticas da psicosfera emergem com o avanço da inteligência artificial e desafiam nossa própria capacidade de decifrar o presente e imaginar outros futuros possíveis.

Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean. *Le système des objets*. Paris: Gallimard, 1968.
- BEIGUELMAN, Giselle. *Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera*. São Paulo: Ubu, 2021.
- BERTOLLO, Mait. *A capilarização das redes de informação no território brasileiro pelo smartphone*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- BRUNO, Fernanda; BENTES, Anna Carolina Franco; FALTAY, Paulo. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. *Revista Famecos*, vol. 26, n.3, p.1-21, 2019.
- BUCCI, Eugênio. *A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- CAIRNCROSS, Frances. *The death of distance: how the communications revolution will change our lives*. Boston: Harvard Business School Press, 2001.
- CASTILLO, Ricardo. *Sistemas orbitais e uso do território*. Integração eletrônica e conhecimento digital do território brasileiro. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- CHABERT, Jean Luc. *A history of algorithms: from the pebble to the microchip*. Berlin: Springer, 1999.
- CRARY, Jonathan. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu, 2016.
- DAVENPORT, Thomas; BECK, John. *A economia da atenção - compreendendo o novo diferencial do valor dos negócios*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- DI FELICE, Massimo. O protagonismo datificado dos não humanos & a cidadania digital. In: SANTAELLA, Lucia (org.). *Simbioses do humano & tecnologias: impasses, dilemas e desafios*. São Paulo: Edusp, 2022, p. 77-88.
- DOWBOR, Ladislau (org.). *Sociedade vigiada: como a invasão da privacidade por grandes corporações e Estados autoritários ameaça instalar uma nova distopia*. São Paulo: Autonomia Literária; Outras Palavras, 2020.
- DREXLER, Kim Eric. *Nanosystems: molecular machinery, manufacturing, and computation*. Hoboken: Wiley, 1992.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- ELLUL, Jacques. *Le système technicien*. Paris: Calmann-Lévy, 1977.
- ELLUL, Jacques. *La technique: ou l'enjeu du siècle*. 2. ed. Paris: Économica, 1990.
- FOSSALUZA, Maria Fernanda. O feed como vitrine: uma análise preliminar do comércio eletrônico nas mídias sociais da empresa Meta Platforms. *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 12, n. 2, p. 207-223, 2022.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Ciudadanos reemplazados por algoritmos*. Guadalajara: Calas, 2019.
- HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. 7. ed. Belo Horizonte: Áyiné, 2020.
- HARARI, Yuval. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. *Scientiae Studia*, v. 5, n. 3, p. 375-398, 2007[1954].
- HOLLMAN, Verónica. Entre impossibilidades y deseos: la fotografía, un dispositivo para aprehender e imaginar lo espacial. *Punto Sur*, n. 2, p. 48-63, 2020.
- HUI, Yuk. *On the existence of digital objects*. Minneapolis; London: University of Minnesota Press, 2016a.
- HUI, Yuk. *The question concerning technology in China: an essay in cosmotechnics*. UK: Urbanomic, 2016b.
- HUI, Yuk. *Tecnodiversidade*. São Paulo: Ubu, 2020.
- ISRAEL, Carolina. Os rastros geodigitais enquanto processo de totalização da espacialidade algorítmica: sobre as verticalidades da Internet e do ciberespaço no período pandêmico. In: ARROYO, Mónica; ANTAS JR., Ricardo Mendes; CONTEL, Fabio (org.). *Usos do território e pandemia: dinâmicas e formas contemporâneas do meio técnico-científico-informacional*. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2020, p. 63-93.
- KAUFMAN, Dora. *A inteligência artificial irá suplantará a inteligência humana?* Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.
- LÉVY, Pierre. A invenção do computador. In: SERRES, Michel (org.). *Elementos para uma história das ciências*. V. 3. Lisboa: Terramar, 1996, p. 157-183.
- LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva*. Por uma antropologia do ciberespaço. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. Lisboa: Edições 70, 2017.

- LOVELUCK, Benjamin. *Redes, liberdades e controle: uma genealogia política da internet*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- MALECKI, Edward; MORISET, Bruno. *The digital economy: business organization, production process, and regional developments*. London; New York: Routledge, 2008.
- McCHESNEY, Robert. *Digital disconnect: how capitalism is turning the internet against democracy*. New York; London: The New Press, 2013.
- MONTENEGRO, Marina. Do capitalismo de plataforma à difusão dos aplicativos: apontamentos sobre novos nexos entre os circuitos da economia urbana em tempos de Covid-19. *Espaço e economia*, v. 1, p. 1-17, 2020.
- MOROZOV, Evgeny. *Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. Trad. Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu, 2018.
- MOROZOV, Evgeny; BRIA, Francesca. *A cidade inteligente - tecnologias urbanas e democracia*. São Paulo: Ubu, 2019.
- NEGROPONTE, Nicholas. *Being digital*. London: Hodder and Stoughton, 1995.
- NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 179-193.
- OHMAE, Kenichi. *The borderless world: power and strategy in the interlinked economy*. New York: Harper Business, 1999.
- ORTIGOZA, Silvia; RAMOS, Cristhiane. A geografia do comércio eletrônico (e-commerce) no Brasil: o exemplo do varejo. *Geografia (Rio Claro)*, vol. 28, n. 1, p. 63-81, 2003.
- PASTI, André. Notícias, psicofera e violência da informação: as agências transnacionais de notícias e a alienação do território brasileiro. *Sociedade & Natureza*, v. 30, n. 1, p. 80-109, 2018.
- PASTI, André; CRACCO, Luís. Tecnopólicas urbanas, informação e competitividade territorial: notas sobre um ranking de smart cities. *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 12, n. 1, p. 107-123, 2022.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Trad. Maria Cecília França. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço – Vol. 3*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.
- ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- SADIN, Éric. *La humanidad aumentada: la administración digital del mundo*. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.
- SALGADO, Luciana; ANTAS JR., Ricardo Mendes. A criação num “mundo sem fronteiras”: paratopia no período técnico-científico informacional. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 33, n. 2, p. 259-270, 2011.
- SANTAELLA, Lucia (org.). *Simbioses do humano & tecnologias: impasses, dilemas, desafios*. São Paulo: Edusp, 2022, p. 9-14.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008[1994].
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2012[1996].
- SCHWAB, Klaus. *A quarta revolução industrial*. São Paulo: Edipro, 2016.
- SILVEIRA, Maria Laura. Espacio geográfico y fenómeno técnico: cuestiones de método. *Punto Sur*, vol. 1, p. 6-20, 2019.
- SILVEIRA, Sérgio Amadeu. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. In: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu (org.). *A sociedade do controle. Manipulação e modulação nas redes digitais*. São Paulo: Hedra, 2019, p. 31-46.
- SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1989[1958].
- SODRÉ, Muniz. *A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- SRNICEK, Nick. *Platform capitalism*. Cambridge: Polity Press, 2017.
- STEDA, Melissa. *Território e informação: produção e consumo de aplicativos na era da computação em nuvem*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- STIEGLER, Bernard. *La technique et le temps* (3 vol.). 2. ed. Paris: Fayard, 2018.
- SUNDARARAJAN, Arun. *Economia compartilhada: o fim do emprego e a ascensão do capitalismo de multidão*. São Paulo: Editora Senac, 2018.
- TOZI, Fabio. Digitalização do espaço e uso algorítmico do território. In: ARROYO, Mônica; SILVA, Adriana M. Bernardes (org.). *Instabilidade dos territórios: por uma leitura crítica da conjuntura a partir de Milton Santos*. São Paulo: FFLCH/USP, 2022, p. 265-276.
- TURING, Alan. Computing machinery and intelligence. *Mind*, v. 59, p. 433-460, 1950.
- VENCESLAU, Igor. O comércio eletrônico e a pandemia da Covid-19 no território brasileiro: tecnosfera e psicofera na expansão do consumo. In: ARROYO, Mônica; ANTAS JR., Ricardo Mendes; CONTEL, Fabio (org.). *Usos do território e pandemia: dinâmicas e formas contemporâneas do meio técnico-científico-informacional*. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2020, p. 123-149.

- VIRILIO, Paul. *O espaço crítico: e as perspectivas do tempo real*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2014.
- VIRNO, Paolo. *Virtuosismo y revolución, la acción política en la época del desencanto*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2003.
- WEST, Sarah Myers. Data capitalism: redefining the logics of surveillance and privacy. *Business & Society*, vol. 58, n. 1, p. 20-41, 2019.
- WIENER, Norbert. *Cybernetics: or control and communication in the animal and the machine*. 2. ed. Cambridge, MA: The MIT Press, 1985[1948].
- ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

Agradecimentos

Processo nº 2018/04130-0, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), referente ao projeto de pesquisa de doutorado "O comércio eletrônico na difusão do meio técnico-científico-informacional no Brasil: usos do território e estratégias logísticas", sob orientação da Prof.^a Dr.^a Mónica Arroyo. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

Psicosfera y técnica digital

La difusión de la técnica digital ha impulsado la diseminación de imaginarios, discursos y consensos. Se trata de elementos de la psicosfera que constituye, junto a la tecnoesfera, el medio geográfico actual, conceptualizado por Milton Santos como técnico-científico-informacional. Este artículo tiene como objetivo presentar una reflexión sobre la psicosfera actual a partir del surgimiento y difusión de la técnica digital. La psicosfera justifica y autoriza la implementación, en los lugares, de un conjunto de innovaciones, anticipando su llegada. A su vez, la propia implementación de la técnica digital amplifica y potencializa la psicosfera, permitiendo la expansión de un nuevo modo de consumo. Finalmente, nos proponemos disputar otros sentidos posibles para la técnica contemporánea.

KEYWORDS: medio técnico-científico-informacional, psicosfera, tecnoesfera, digital, consumo.

Psychosphere and digital technique

The diffusion of the digital technique has boosted the dissemination of imaginaries, discourses and consensus. There are elements of the psychosphere that constitutes, along with the technosphere, the current geographical *milieu*, conceptualized by Milton Santos as technical-scientific-informational. This paper aims to present a reflection on the current psychosphere from the emergence and diffusion of the digital technique. The psychosphere justifies and authorizes the implementation, in different places, of a set of innovations, anticipating their arrival. In turn, the implementation of the digital technique itself amplifies and enhances the psychosphere, enabling the spread of a new mode of consumption. Finally, we propose to dispute other possible meanings for contemporary technique.

PALABRAS CLAVE: technical-scientific-informational milieu, psychosphere, technosphere, digital, consumption.

Artigo recebido em novembro de 2023. Aprovado em dezembro de 2023.